

NO ENCALÇO DOS ÍNDIOS GIGANTES - SÉRIE EM 12 CAPÍTULOS

FONTE: O ESTADO DE S.PAULO

- CAP. 1 - 30/11/1972
- CAP. 2 - 01/12/1972
- CAP. 3 - 02/12/1972
- CAP. 4 - 03/12/1972
- CAP. 5 - 05/12/1972
- CAP. 6 - 06/12/1972
- CAP. 7 - 07/12/1972
- CAP. 8 - NÃO TEMOS
- CAP. 9 - 09/12/1972
- CAP. 10 - ~~10/12/1972~~
- CAP. 11 - 12/12/1972
- CAP. FINAL - 13/12/1972

No encalço dos índios gigantes - 1

A expedição está partindo

Esta matéria abre uma série de reportagens que o Estado publicará, com exclusividade, baseado no diário que o sertanista Cláudio Villas Boas redigiu durante seis meses, período até agora cumprido pela expedição da Funai que tenta a pacificação dos índios Kranhacãcore, conhecidos como índios gigantes.

Os preparativos da expedição, a viagem, os sustos diários, a incerteza, o medo de quem se sente observado por olhos invisíveis perdidos no meio da selva e, finalmente, o rápido encontro com os índios, a flechada do trabalhador da Funai e a fuga, tudo isso está no diário colhido pelo repórter José Marqueiz, enviado especial às margens do rio Peixoto de Azevedo, onde o sertanista permanece acampado.

O último contato da expedição da Funai com os Kranhacãcore aconteceu no dia 19 de outubro. Depois disso, os índios desapareceram, ninguém sabe para onde. Incendiaram a aldeia principal, destruíram as lavouras e fugiram. Não apareceram sequer para recolher os presentes que a expedição deixou amarrados entre duas árvores.

Ontem, foram vistos a 10 quilômetros do acampamento da expedição, reconstruindo a aldeia incendiada. Villas Boas acredita que, se eles voltaram, é porque desejam renovar o contato com a expedição e, por isso, podem aparecer a qualquer momento. Da sua tenda de campanha, o sertanista não tira os olhos da mata.

longa expedição de pacificação dos Kranhacãcore — os índios gigantes — teve início, pela segunda vez, no dia 16 de janeiro deste ano. Logo de manhã, todos os participantes da expedição já estavam reunidos no Posto Leonardo Villas Boas, sede do Parque Nacional do Xingu. O sertanista Cláudio Villas Boas, que será o chefe da expedição, confirma a presença dos índios que o acompanharão. Pertencem a diversas tribos: Kayabi — lungatú, Tapá, Moruaiup, Taipá, Forekatú, Urakatu, Temafari, Javariu e Put; Suyá — Pekoró, Moté, Dombá; Txukerramae — Bedjay e Kamuk; Trumay — Sauku, Cucuro e Jakalo. Esses foram os indígenas escolhidos, os primeiros heróis da expedição.

Pela manhã, se desenvolvem os preparativos para o deslocamento para o Núcleo de Proteção ao Vão de Cachimbo, no Pará, de onde a expedição rumará para a frente de serviço do 9.º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), responsável pela construção da rodovia Cuiabá-Santarém.

O deslocamento dos integrantes da expedição para Cachimbo será no dia seguinte, por um avião Búfalo, que virá de Cuiabá. Cláudio Villas Boas, nesse mesmo dia, reúne os índios e explica que o objetivo da expedição é pacificar os kranhacãcore e evitar que se verifiquem atritos entre os indígenas e os trabalhadores do 9.º BEC. Adianta que a rodovia Cuiabá-Santarém passará entre duas aldeias próximas uma da outra, o que constitui o principal motivo da urgência da FUNAI em adiantar essa penetração.

PRIMEIRO IMPREVISTO

O primeiro imprevisto surgiu no dia da partida da expedição para Cachimbo. À noite, choveu e trovejou muito e o dia amanheceu encoberto, atrasando a partida do Búfalo de Cuiabá, que aterrou no Posto Leonardo Villas Boas somente às 11 horas. Sem contar o atraso, o comandante do avião achou excessivo o peso — 3.200 quilos — dizendo que não decolaria com mais de 2 mil quilos.

Cláudio Villas Boas procura dialogar com o comandante do Búfalo, convencendo-o a decolar por volta das 12 horas. Embora pesado, quase no limite de sua capacidade, o Búfalo não precisou de mais de 400 metros para ganhar o ar. Uma hora depois de voo baixo, sobre densa mata, cortando, na perpendicular, os rios Roonuro, Arraia, Maritsuaquá e Peixoto de Azevedo, o avião aterrissava no Pará, no Núcleo de Proteção ao Vão de Cachimbo.

SURPRESA

Cláudio Villas Boas fica sur-

preendido com a atividade e o movimento em que se encontra a Base de Cachimbo. Lembra que em 1950 — época em que participava junto com seu irmão Orlando da velha Roncador-Xingu — havia um pessoal reduzido de apenas 10 ou 12 homens e agora centenas de operários e muitos militares. Surpreende-se também ao saber que a COMARA está construindo uma pista internacional distante apenas 7,5 quilômetros da base. Faz, então, para si próprio, a pergunta: "Por que tudo isso, tão longe e tão caro? Seria simples preenchimento de um vazio, de uma ausência de programas outros, ou de uma fuga às realizações mais difíceis? Não sabemos. Contudo, tem que se admitir, em última análise, que é melhor fazer algo do que nada".

PRIMEIRA NOITE

Em Cachimbo, já começa a luta pela sobrevivência da expedição. Três índios são destacados para caçar e pescar e regressam, à boca da noite, com seis matrinxãs e dois macacos cuatá. Os peixes são servidos no jantar e os macacos foram cozinhados durante a noite, para serem consumidos na manhã seguinte, antes da partida rumo à frente de serviço do 9.º BEC.

Os índios e todo o material da expedição — constituído de víveres, brindes para os índios e equipamentos em geral — são acomodados em uma casa velha, cedida pelo comandante do Destacamento de Cachimbo.

Depois da janta, Cláudio e Orlando Villas Boas foram conversar com o comandante do

9.º BEC, que se encontra em Cachimbo. Ficou decidido que a carga da expedição será transportada até o ponto mais avançado da penetração topográfica por um trator empregado na ligação entre a frente do BEC e a base de Cachimbo. Os irmãos Villas Boas acertaram também que um avião ficaria encarregado de fazer o lançamento de víveres para a expedição. Finalmente, também ficou estabelecido que, como medida de precaução, a expedição seguiria à frente do batalhão militar, reconhecendo o terreno, sem afastar-se, contudo, do ponto mais avançado de sua projeção.

COMEÇA O TRANSPORTE

Uma viatura da COMARA transportou, no dia seguinte, a carga da expedição — víveres e bagagens — para as margens do rio Braço Norte, onde se encontra o trator do 9.º BEC. Em seguida, a expedição passa para o outro lado do rio, utilizando-se de uma balsa.

Orlando Villas Boas despediu-se do irmão Cláudio e dos índios e ficou em Cachimbo. Ficou combinado que dentro de 10 ou 15 dias, depois de realizar compras e tomar outras providências relativas à expedição, voltará com mais alguns índios.

Às 13 horas do dia 18 de janeiro o trator começa a conduzir a carga de víveres e bagagem, que seria descarregada a 12 quilômetros adiante, local escolhido para o pernoite da expedição.

O primeiro acampamento, determinado pela coluna topográfica, fica a 27 quilômetros de Cachimbo. São três horas de caminhada. A estrada provisória, sulcada pelas rodas do trator, cheia de tocos e arbustos decepados e pontiagudos, cansa e magoa os membros da expedição.

Por volta das 16 horas, Cláudio Villas Boas e os índios chegam até o lugar do pouso, situado no fim de uma comprida estiva sobre um terreno embrejado. Junto, um córrego de água limpa.

Como não havia mais nada além de feijão e arroz, Cláudio determina uma mistura dos dois produtos, resultando um "ótimo jantar".

Nessa noite, já no meio do mato, Cláudio observa: "Uma chuvinha mansa, mais parecendo gotas de orvalho que despencam do teto de folhas, exerce ação repousante e provoca o sono de todos — daí, o silêncio

que já reina no acampamento".

A LONGA CAMINHADA

Carregando os fardos conduzidos antes pelo trator, a expedição reiniciou a caminhada no alvorecer do dia seguinte, mais vagarosamente.

Durante quase todo o período da manhã, cortaram os imensos cerrados que pareciam não ter fim. Continuaram pisando a mesma estrada, marcada pelo trator e crivada de pontas de pau. Durante todo o percurso, não encontram água. E a sede chegou, castigando todos os integrantes da expedição.

No auge da sede, a chuva, como um anjo enviado de Deus, chegou, mal dando tempo para proteger os plásticos que encobriam os víveres e outros objetos. Muitos, de caneca em punho, procuravam apagar as gotas do aguaceiro e quando uma baga acertava o alvo oferecido era sofregamente sorvida.

NA MATA, SURGE A ÁGUA

A chuva também marcou o fim do cerrado e o início da mata. Mas, se atrás era ruim caminhar nos rastros do trator, pior agora na mata. Surge pela frente uma lama vermelha, viscosa, com mais de 20 centímetros de espessura, que chega a cobrir toda a largura do caminho, numa extensão de 10 quilômetros.

Mas foi no meio da mata que surgiu um ribeirão de leite empedrado, atravessado por um pontilhão bem construído, apoiado sobre gaiolas feitas de troncos de árvores.

A chuva, no entanto, continuava a cair, ainda mais ininterruptamente e com mais intensidade. A lama ficou mais aderente e escorregadia.

Uma hora depois, a expedição chegava até a frente de serviço do 9.º BEC. Cláudio Villas Boas e os índios alojaram-se em um acampamento constituído de barracas individuais.

A chuva prossegue à noite, mansa, como uma canção de ninar.

No encalço dos índios gigantes - 2

Surge um inimigo, a chuva

Quatro dias depois de deixar o Posto Leonardo Villas Boas, no Parque Nacional do Xingu, a expedição de pacificação dos índios *Kranhacãrore* já se aproximava da frente do serviço topográfico do 9.º BEC.

No dia 20 de janeiro, cessada a chuva da noite anterior, os índios, comandados pelo sertanista Claudio Villas Boas, começaram a caminhar por uma estrada — aberta a foice e machado — por meio de uma cadeia de morros e encostas abruptas, cheia de curvas e acidentes. A expedição perdeu duas horas para atingir o cimo das elevações, onde se encontrava o pessoal do BEC abrindo uma clareira para sua próxima base de operação.

Todavia, como é plano da expedição avançar sempre à frente da penetração do BEC, Claudio Villas Boas decidiu continuar adiante, sempre no rumo Sul, onde começa a descida do Serrote.

Tinha início então a procura do lugar para a próxima fixação da expedição. Num vale espremido entre morros, junto de uma água fria e cristalina que corre para o Sul, foram encontrados vários lugares considerados bons para acampamento. A baixada era coberta de mata alta e ladeada de morros em series e ensobreada.

Nesse local, o que mais impressionou o sertanista Claudio Villas Boas foi a pobreza da caça, "com unica exceção dos macacos abundantes. Até os passaros são poucos".

ILHAS HUMANAS

Dia 21 de janeiro, quando a expedição preparava-se para deixar as proximidades da frente de serviço do 9.º BEC e erguer novo acampamento, Claudio Villas Boas faz as seguintes observações em seu diário: "Antes do alvorecer, bastou um convite em voz alta, para que todo o pessoal, incontinenti, se pusesse de pé e, sem necessidade de outro concitamento, passasse em seguida a desarmar e ensacar seus plásticos e redes. É extraordinário o animo desses índios. Estão sempre prontos para o que der e vier. Nada os exaspera ou arrefece a sua disposição e alegria. As chuvas enregelantes, o cansaço, os tombos inevitáveis, as ferroadas dolorosas, a fome, a sede, tudo é motivo de gozo, de riso e de outras reações superadoras".

"Na situação presente — continua — mais notável ainda é sua corajosa despreocupação quanto às dificuldades e perigos que terão que enfrentar, do que têm plena consciencia. Com bastante acerto, podia-se transferir a eles, os índios, as palavras de Euclides — o índio é antes de tudo um forte — mas um forte mais forte, por-

que não exhibe, nem se envaldece de seus feitos comuns".

Cláudio prossegue com suas observações: "Pobre gente incompreendida e desprezada são os índios! Vítimas infelizes da nossa civilização. Eles, que tanto tiveram de ceder, de abdicar em nosso favor para que nos transformássemos em "nação", são por nós tão mal recompensados em troca de tanto sacrifício e desdita! Hoje, espalhados e abandonados por este imenso País e perseguidos ainda não passam de diminutas ilhas humanas, cercadas de inimigos por todos os lados".

CHUVA ATRAPALHA

A intenção do sertanista Cláudio Villas Boas era levantar acampamento ao clarear do dia 21 de janeiro. Mas uma chuva intensa contrariou seu plano. Às 9 horas, porém, cessada a chuva, a carga e as bagagens particulares foram colocadas em uma carreta.

Para ganhar tempo e chegar ao destino antes que desencadeasse outra chuva, a expedição partiu debaixo de chuva mesmo. Nos primeiros quilômetros, o trator passou à sua frente, desaparecendo na primeira curva. Pouco adiante, o trator foi encontrado lutando para vencer uma ladeira.

A pedido do motorista, a carreta foi desatrelada. Nem assim conseguiu galgar a rampa. Esse primeiro obstáculo foi superado com a força do trator e de 28 índios. Lembra Cláudio Villas Boas: "Tudo foi tentado. Primeiro, por meio da corrente ligada ao trator; segundo, isso mesmo, mais o concurso de todos os homens. A solução que queríamos evitar, por demorada,

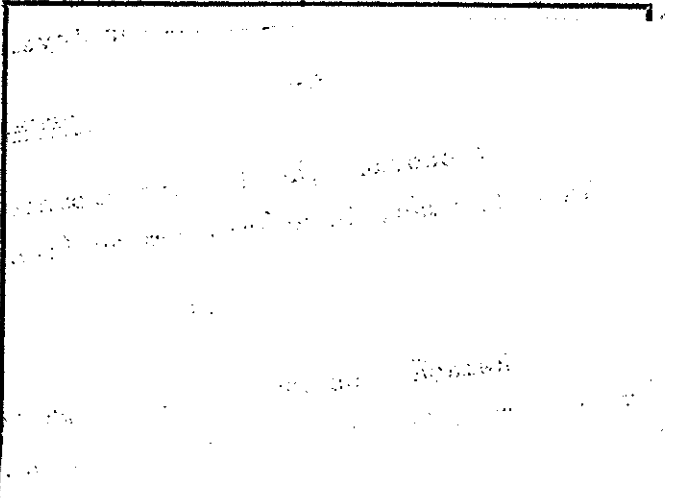
mas que se patenteou como a unica, foi adotada: o descarregamento completo da carreta. Nas costas dos homens, foram os 1.000 quilos levados para o alto da ladeira. Vazia, a carre-

ta subiu facilmente, puxada pela corrente engatada no trator".

Carregada de novo, a carreta reiniciou a viagem atrás da expedição. Quando tudo parecia estar resolvido, a carreta encalhou novamente em outra rampa. Só que desta vez exigiu apenas o esforço físico dos índios. Esse foi o segundo e ultimo obstáculo sério do dia.

A oito quilômetros do ponto de partida, a expedição se instalou. Mas, como era ainda cedo para dormir, Cláudio Villas Boas resolveu descer a Serra e acampar no vale, idéia que não deu certo. Nesse local, o primeiro serviço foi armar rapidamente a barraca fechada da carga, antes que as pesadas chuvas recommencessem.

Enquanto isso, dois índios — Javareí e Kanizio — preparavam o almoço: arroz, com um resto de maço cozido, que havia sobrado do dia anterior.



No encalço dos índios gigantes - 3

Falta a pista para o avião

Até o tempo parece estar contra a expedição dos índios gigantes. Apesar de sete dias de chuva, os índios estão contentes. Principalmente os da tribo Kayabi, que pouco dormiram na madrugada deste dia. Ficaram a maior parte do tempo mantendo uma conversa animada, entrecortada por altos risos. Falaram das peripécias da viagem de ontem e dos irmãos de raça que vão ao encontro. Tudo foi comentado em tom de brincadeira.

Essa aparente despreocupação, contudo, não influiu na natural e rígida disciplina obedecida pelos integrantes da expedição. Levantaram-se muito antes do sol. E dispostos.

O sertanista Cláudio Villas Boas observa que o local onde estão acampados é alto e arejado. Para ele, a única deficiência, "é séria", é a exiguidade de água. "Temos que nos servir de um pequeno córrego que mal dá para se mergulhar uma caneca".

O período da tarde foi aproveitado para uma investida no vale, visando explorar as vertentes sul da Serra. Também aproveitaram para limpar o lugar do acampamento escolhido na exploração anterior.

CHUVA CONTINUA

A chuva prosseguiu no dia seguinte — 23 de janeiro — e mesmo assim os índios trabalharam na mudança do acampamento, conduzindo toda a carga, nas costas, até o local escolhido para o novo acampamento.

Chove com abundância à noite. Cláudio sente que o maior problema da expedição é a chegada de suprimento, uma vez que os 40 quilômetros de péssima estrada que separam a expedição da base de Cachimbo já vem dificultando a chegada de certas coisas essenciais, que não podem ser lançadas de avião.

Sua apreensão é revelada em suas anotações diárias: "Como será quando dobrar a distância? Um campo de pouso para o avião sediado em Cachimbo, solucionaria plenamente o problema?".

Preocupado, Cláudio Villas Boas, juntamente com os ín-

dios, começou a fazer vários reconhecimentos à procura de lugar que ofereça condições para receber o necessário apoio logístico.

Depois de várias horas, encontraram uma área descoberta. A vegetação era fina, fácil de ser removida, mas a extensão plana, além de outros inconvenientes, não ultrapassava 200 metros. Para ter uma melhor idéia do local, Cláudio subiu uma das elevações que limitam a metade leste do vale e verificou que, lá do alto, "a pequena área coberta de mato baixo, estava cercada de altos morros — imprópria, portanto, para campo de aviação".

Mesmo imprópria para a abertura da pista, Cláudio observou: "Bonita vista proporcionou-nos o alto do serrote. Olhando para o Sul, vimos o vale em todo o seu esplêndido conjunto, a semelhança de um grande rio de folhas que se serpenteava por entre duas cadeias irregulares de morros que comprimiam e orientavam para o Sul. Para o Norte, o nosso ribeirão, em espumas despencando do alto, dava-nos a curiosa impressão de longos tetos brancos de casas enfileiradas. A semelhança era tão grande, que confundia os próprios índios. Até roças foram divisadas pelos mais impressionáveis. Voltando para o Sul, a visão daquela forte e extensa paisagem intacta ainda como nas origens, fez nos pensar, com um antecipado e estranho remorso na brusca transformação que em breve passará".

NO VALE

No dia 25 de janeiro deste ano, sob céu encoberto, a expedição comandada pelo sertanista Cláudio Villas Boas saiu logo cedo para uma exploração vale abaixo. Com dois objetivos: verificar, primeiramente, se havia vestígios de índios nas proximidades do acampamento. Segundo: procurar lugar para abertura de campo.

Doze índios acompanharam a missão. Seguindo sempre na direção Sul, avançaram 10 quilômetros, atravessando vários corregos que despejam no ribeirão próximo ao acampamento. Todo o percurso caracterizou-se por mata alta. Na volta, em certa altura, um pouco à esquerda, notaram um lugar mais ou menos amplo, coberto de cerrado baixo, limitado pela.

Nesse mesmo dia, o sertanista Cláudio Villas Boas recebeu um rádio da FUNAI, solicitando informações sobre o "andamento seu trabalho, contato índios, assim como sua evolução no terreno". Outro rádio comunicava que Orlando Villas Boas iria a Brasília "resolver problemas" e perguntava "se não havia inconvenientes em atrasar um pouco sua vinda".

A reportagem de amanhã: O pássaro de ferro joga 300 quilos de mantimentos para a expedição. Os índios pacificados caçam seis macacos-prego para o jantar. Villas-Boas acha que os gigantes estão a 15 quilômetros. Chove, e é uma chuva branda, monótona, enjoada — diz o diário do sertanista.

Kren Akarol

No encalço dos índios gigantes - 4

“Pássaro de ferro” OESP 03.12.72 é a única esperança

Em uma expedição no meio da selva brasileira, o som dos motores de um avião é sempre ouvido como uma esperança. Ele é o pássaro de ferro que lança os produtos de sobrevivência para aqueles que são considerados os *Bandelantes do Século XX*.

Essa esperança e apreensão são fielmente retratadas nas anotações diárias do experiente sertanista Claudio Villas Boas: “26-1-72 — O avião sediado em Cachimbo, destinado ao lançamento de viveres, sobrevoou nosso acampamento, seguindo o rumo Sul. Nas primeiras horas da tarde, ouvimos novamente o ronco do avião. Desta vez, rondou sobre o acampamento do BEC. Pensando ter havido algum lançamento para nós, mandamos o pessoal até lá. Mas nada havia sido lançado”.

No último sobrevoo, entretanto, o avião lançou 300 quilos de mantimentos, que foram buscados no dia seguinte por 26 índios. A reserva, segundo Claudio Villas Boas, era suficiente para 25 dias.

TUDO BEM

Mesmo considerando frustra-

das as penetrações topográficas — não havia nenhum lugar que servisse para campo de pouso — o sertanista Claudio Villas Boas enviou o seguinte rádio à Funai-São Paulo: “Informo tudo correndo bem. Estamos acampados pouco à frente base operação 9.o BEC. Referente índios, nenhuma novidade por enquanto”.

No mesmo dia, Claudio, através do rádio, avisava seu irmão Orlando que “o tempo aqui está chuvoso. Até momento nenhum vestígio índios. Meu ver, começaremos a encontrar altura Braço Sul, 15 quilômetros nossa frente”.

E como estava “tudo bem” e o dia amanheceu sem chuva, dia 28 de janeiro, mandou quatro índios caçar. Depois de oito horas, “batendo ambas as margens do ribeirão”, eles voltaram com 6 macacos prego.

MA' CARA E CHORÃO

Para Claudio Villas Boas, dia 29 de janeiro “amanheceu de má cara e chorão. Chuva branda, monotona e enjoada. Logo que parou, saíram, a nosso mandado, para limpar o lugar que na nossa exploração do dia 25,

escolhemos para acampamento, 8 quilômetros distante deste campo”.

Com quatro índios, que ficaram no acampamento, Claudio foi até o acampamento do BEC buscar uma barraca que, continuava armada lá, e que foi, depois, estendida no acampamento da expedição, para abrigar o material que não poderá ser levado amanhã na primeira viagem da mudança.

NOVOS RADIOS

Em 29 de janeiro, o sertanista Claudio Villas Boas enviou novas comunicações à Funai, em São Paulo. “Expedição encontra-se e progride pouco frente da coluna de penetração do 9.o BEC. Possivelmente, dentro de 15 ou 20 dias, atingiremos zona mais frequentada por índios aldeados no rio Peixoto de Azevedo. Visando facilitar chegada suprimento a essa frente, estamos arrumando lugar possibilite pequeno campo pouso”.

Além desse rádio, Claudio enviou algumas informações ao comandante do 9.o BEC, em Cuiabá.

Nesse mesmo dia uma hora mais tarde, começa a chover. Uma chuva que parece vai se prolongar noite adentro. “São 9 horas da noite. O frio, embora umido, e o embalo da chuva, prometem-nos um descanso bem dormido”, escreve Claudio Villas Boas, à luz de lâmpião, estirado em sua rede.



PRESENTE ESPACIAL

12 K-7 super programados com assistência didática nas nossas escolas para fazer sua família falar Inglês. Cultura bem de raiz.

Dirija-se à Rua Barão de Itapetininga, 255 — 13.o andar — conj. 1.309/10 ou peça uma demonstração pelos telex: 34-0274 ou 35-4336.

No encalço dos índios gigantes - 5

A expedição já inicia mudança

A mudança para a instalação do acampamento da expedição que deveria estabelecer contato com os índios gigantes foi iniciada na manhã de 30 de janeiro. Antes das 8 horas, todos já haviam separado suas cargas, retirando dos sacos aquilo que julgava incapaz de carregar. Sobrou material, que ficou para ser transportado no outro dia. Felizmente, o tempo permitiu que a carga chegasse enxuta ao novo lugar da expedição.

Ao clarear do dia 31, todos já estavam de pé. A partida atrasou um pouco, pois Claudio aguardou a volta de quatro índios, que tinham ido ao acampamento do BEC levar uma mensagem encarecida a FUNAI, nos seguintes termos: "Estamos fazendo novo acampamento no rumo Sul. Da nova posição, estaremos a 40 km da base Cacimbu. Jangamos próxima zona frequência permanente índios kranhacôre. Após explorações, pretendemos realizar, enviaremos outras notícias".

A expedição deixou o acampamento em seguida. A chuva, pesada, ameaçava cair. Claudio e os índios apressaram o passo, procurando alcançar o destino antes do aguaceiro. "Os índios que viajaram na frente — conta Claudio — mataram 8 macacos prego. Para tapear os estômagos vazios comemos, antes um pouco do amôgo, os dois bichinhos mais novos, ligeiramente assados. As 4 horas, com o apetite aguçado pelo tenro antepasto, almoçamos de verdade".

Nesse dia, Claudio Villas Boas percorreu a periferia do acampamento e observou: "É bonito o trecho de mata em que estamos, com a predominância dos assaizeiros e outras belas palmeiras. À tarde, tivemos o milagre de um sol totalmente descoberto, mas para contrabalançar o prazer da plena claridade, tivemos em abundância os borracludos, que não nos abandonaram um instante até o anoitecer.."

"Com esse grande giro que fizemos — observa — contatamos ser essa região muito pobre de caça. Em todo o percurso feito, não encontramos mais do que um jacu e dois jabutis "paralisados" debaixo de uma cajazeira. Os infelizes, suspensos por uma tira de embira e apoiados nas costas dos nossos companheiros, foram trazidos para cá".

DESORIENTADO

Sentindo-se desorientado, no dia seguinte Claudio Villas Boas determinou que um funcionário da FUNAI e mais quatro índios fossem ao encontro de um topógrafo do BEC para confirmar o rumo 240º, o qual segundo as fotografias aéreas, deveria sair numa área plana e coberta de cerrado baixo.

O topógrafo, no entanto, confirmou o rumo. "E nós, com isso, nos convencemos de que, a mancha clara da fotografia, correspondia àquele lugar coberto de cerrado sujo, cercado de elevações e de chão irregular, sulcado de escoadouros de água".

LUA, EM FEVEREIRO

Fevereiro surgiu iluminado pelo luar e o céu amanheceu limpo. Aproveitando o tempo, os expedicionários exploraram as redondezas à procura de lugar para abertura do campo de pouso. Primeiramente, Claudio e os índios tomaram a direção de 240º magnéticos, com o objetivo de encontrar um lugar que nas fotografias aéreas parecia ser coberto de cerrado ralo. Depois de avançar 5 quilômetros, transpondo morros e baixadas úmidas, a expedição encontrou uma zona plana, coberta de mata alta e muito limpa por baixo, "á semelhança de um bosque cultivado".

O local foi assim descrito por Claudio Villas Boas: "Um corrego grande, correndo para o Sul, dividia ao meio o aprazível vale, que, igual a este em que estamos, é também limitado por duas cadeias de morros paralelas. Na mata limpa, desavassável à vista num raio de mais de 50 metros, encontramos vários pés de cajá, mamuí — parecido com um mamão pequeno — cacau e pé-de-cão, todos carregados de frutos maduros. Depois de caminhar uma hora inteira numa direção transversal ao vale, tomamos o rumo sul e continuamos a cortar a mesma mata alta e limpa. Dois ou três quilômetros avançamos nesta direção. Verificando que a mata ia se alterar tão cedo na direção em que iam, começamos a subir uma elevação. Do outro lado dela, saímos num plano um pouco mais baixo, coberto de cerrado. Era aquele, sem dúvida, o "original da mancha da fotografia".

Gigantes terão a reserva

Da Sucursal de Brasília

A criação de uma reserva destinada aos índios kranhacôres, na própria região por eles agora habitada, foi anunciada ontem, pelo presidente da Funai, general Bandeira de Melo, aos delegados regionais e chefes de parques indígenas do órgão, que se encontram reunidos em Brasília.

Os kranhacôres são os chamados índios gigantes cuja contactação vem sendo tentada há quase um ano pelos irmãos Vilas Boas.

Ontem, na abertura do encontro, falaram o ministro Costa Cavalcanti, do Interior, e o presidente da Funai, salientando que os objetivos da Funai, para 1973, continuarão sendo prioritariamente demarcação de terra, saúde, educação e desenvolvimento comunitário.

No setor de demarcação de terras indígenas, o general Bandeira de Melo disse que será dada prioridade às áreas indígenas existentes no Centro-Oeste, Sul e Amazonia. A verba para esse fim, que em 1972 foi de 600 mil cruzeiros, será aumentada no próximo ano para 800 mil.

Nos planos da Funai para o próximo ano, conforme afirmou, constam também a criação

de novas reservas indígenas, bem como estender mais a ação do órgão para a área amazônica, principalmente em direção ao Sul do Pará e ao Estado do Amazonas.

Ao fazer uma análise do que a Funai já realizou na área da Transamazônica, o general Bandeira preconizou que no ano que vem o órgão deverá despendir um esforço dobrado, com a abertura da perimetral

Norte, cujas obras deverão ter início em julho de 73.

Disse que o número de grupos indígenas naquela região é bem maior do que na área da Transamazônica e alguns desses grupos são completamente desconhecidos. De imediato, para fazer frente aos trabalhos de atração na área da Perimetral Norte, a Funai deverá criar uma base de apoio logístico com sede em Belém.

O ministro Costa Cavalcanti, por sua vez, também salientou a importância que a Funai terá naquela área. Notou que o final da primeira fase do programa de Integração Social naquela região, previsto para 1974, não importará em estabilização dos projetos da política indigenista. A tendência, segundo ele, é do crescimento das atribuições da Funai, "porque as estradas de penetração são concluídas, ao mesmo tempo em que ao órgão compete intensificar as operações de atração de tribos ainda arredias, de um lado, e melhorar o andamento do processo de aculturação dos índios já contactados, de outro".

O ministro do Interior admitiu a possibilidade de vir a Funai a ter uma sub-região na Amazonia, sem transferir a sede do órgão de Brasília para

aquela área, tendo em vista a importância, o volume e as condições de contato e o trabalho de aculturação. Frisou ainda que os índios da Amazonia devem ter um tratamento diferente dos índios de outras regiões do Brasil, principalmente dos residentes no Sul, que já contam com habitações de alvenaria e falam perfeitamente português.

A descentralização administrativa da Funai foi também preconizada pelo ministro com a maior soma de delegações de poderes aos delegados e chefes de postos indígenas, considerando isso vital para o órgão e para a execução da política indígena do governo, na atual fase.

"Não perdemos tempo em examinar — confessa Claudio — o lugar que, no primeiro lance, vimos não servir para campo de aviação. A clareira, embora ampla, era cercada de elevações, muito úmida e sulcada de escoadouros de água. Transposto o cerrado, entramos na mata do nosso vale e logo depois atingimos o ribeirão muito abaixo daqui onde estamos".

Claudio prossegue: "De lá, tomamos o Norte para fechar o quadrado que estávamos descrevendo. Pelos nossos cálculos, teríamos que sair aqui no nosso acampamento numa quase reta, mas isso não aconteceu devido a interposição de um extenso carrascal — vegetação, baixa, cheia de galhos retorcidos — que nos obrigou descrever grandes curvas. Ao retornarmos o Norte, já havíamos perdido o controle das distâncias e já tínhamos ultrapassado o acampamento. Quando desconfiamos disso, inclinamos o rumo novamente para Leste, até que encontramos nossa picada".

No encalço dos índios gigantes - 6

Lentamente, a picada vai avançando na mata

Na noite do segundo dia de fevereiro, o tempo esteve fechado e os borrachudos "não deram folga a ninguém". A expedição de contactação com os kranhaçãores começou o seu 18.º dia com a abertura da picada planejada na noite anterior.

Um quilometro depois, o serviço teve que ser suspenso — a picada conduzia ao ribeirão. Claudio, surpreso e descontente, consultou novamente o topografo do BEC. Os dois, então, concluíram que o curso do ribeirão, quase imperceptível, fazia uma grande curva para Oeste. Diante disso, a expedição, seguindo as direções riscadas na fotografia, avançou primeiramente oito quilômetros em 250º e mais quatro em 159º.

A abertura da picada foi reiniciada no dia seguinte — 4 de fevereiro — no rumo de 215º magnéticos, a mesma direção que seguirá a topografia do 9.º BEC. Até às 14 horas, os índios conseguiram abrir a picada em uma extensão de 2 quilômetros, bem cortada e limpa.

CHUVA E SAUDADE

Ninguém melhor que Claudio Villas Boas para descrever os problemas de uma expedição. Diz ele, referindo-se ao dia 6 de fevereiro: "Nunca vimos chover tanto como nesta região. As costumeiras precipitações noturnas, se prolongam até o meio-dia. Logo cedo, o índio Trumai, Sancri, veio nos procurar para dizer que queria ir embora. Alegou que estava com saudade da família e que não aguentava passar sem biju — massa de mandioca. Após o almoço, partiu para o acampamento do 9.º BEC, de onde seguirá para Cachimbo na primeira viagem do trator".

Como a chuva continuasse, Claudio assim começa as suas anotações do dia 4 de fevereiro: "Pensamos não ser mais preciso dizer que choveu à noite. Isso já passou a constituir uma regra do tempo. Parou um pouco de madrugada, para recomeçar de novo ao nascer do dia. Mas não foi muito longe. Cessou logo".

Nesse mesmo dia, Claudio designa alguns índios para buscar carga de mantimentos em Cachimbo e continua abrindo a picada iniciada no dia 4. "Apesar do numero reduzido de homens, avançamos quase 3 quilômetros. Atravessamos um corrego grande e um pequeno de leito muito empedrado, 500 metros além do qual demos por encerrado o dia de trabalho, regressando ao acampamento, onde chegamos com duas horas de caminhada".

PEIXE FRITO

Nessa noite a expedição comeu peixe frito — piabinhas

e pias, pescados no ribeirão. "Se aqui nesta água que não passa de um córrego, já estamos encontrando peixe, muito mais devemos encontrar no Braço Sul, que dentro de alguns dias alcançaremos", previu Claudio Villas Boas.

Às 9 da noite, uma enorme algazarra começa no acampamento: "Os índios, neste instante, dando gritos e rindo a valer, acabam de desentocar um enorme tatu a poucos metros de nossas redes".

É 8 de fevereiro. A noite foi sem chuva e com luar. Às primeiras horas da manhã, os cozinheiros já estavam de pé, às voltas com o panelão repleto de carne de tatu.

Por volta das 6 horas, Cláudio Villas Boas com 22 índios — dos 26 que estão no acampamento — parte para reiniciar a abertura da picada. Foram abertos mais quatro quilômetros de picada larga e limpa. No ultimo terço da extensão, tiveram que cortar terreno bastante acidentado e empedrado. Desse ponto, será abandonado o rumo de 25º e seguido o 159º, até alcançar o Braço Sul, que,

segundo a topografia, encontra-se a quatro quilômetros apenas do acampamento.

A VOLTA

"Gastamos tres horas e meia ininterruptas na caminhada de volta. E todo esse tempo, debaixo de uma torrente de chuva. Foi a chuva mais demorada e forte que tivemos do Cachimbo para cá. Os córregos se avolumaram levando as pinguelas. O caminho, nos lugares mais planos, ficou completamente alagado. As subidas e ladeiras tornaram-se tão lisas que tínhamos que agarrar fortemente nos arbustos para evitar perigosos tombos sobre pontas de pau. Mesmo com todo esse cuidado, um dos Kayabi, caiu sobre um tronco deitado, magoando as costelas de um lado. Apesar da dor que sentia, não diminuiu o passo apressado em que ia. A vontade de chegar, com certeza, era grande. Às 18 horas, foi servida a nossa invariável refeição: arroz, com macaco e feijão". Nesse mesmo dia, Cláudio Villas Boas, envia rádio à Funai, em São Paulo, comunicando que está chegando próximo ao rio Braço Sul, onde empenhará todos os esforços para abertura de um campo de pouso.

No mesmo dia, com auxílio dos índios, foi construído um tapiri — um rancho de duas águas que, partindo do chão, a uns 2 ou 3 metros de altura, vão se encontrar num angulo agudo — para abrigar a carga, quando as lonas tiverem que ser transferidas para a frente. Na manhã seguinte, será iniciada a transferencia do acampamento, 7 quilômetros adiante.

A chegada ao rio Braço Sul, no qual a expedição já vinha falando há um mês, é o principal assunto da reportagem do amanhã, em prosseguimento à série que o nosso enviado especial José Marquiez realizou com base no diário de Claudio Villas Boas.

p. 7

No encaço dos gigantes - 7

Enfim, o Braço Sul, um rio desconhecido

Em uma expedição tudo que se carrega é estritamente necessário e indispensável. Até os mais simples objetos. Mas o desaparecimento de painéis pode ser uma notícia de graves consequências. Foi o que aconteceu no dia 11 de março, quando choveu torrencialmente e o ribeirão subiu quase um metro.

Claudio Villas Boas mal havia deixado na beira da água as únicas duas painéis grandes utilizadas no preparo das refeições para a expedição e elas foram engolidas pelas águas. Claudio considerou: "Incidente à toa, mas muito sério para nós que não tínhamos outras além daquelas. Apesar do frio e da chuva que caía, pedimos aos índios que tentassem encontrar as preciosas vasilhas. Todos eles, sem titubear um instante, deixaram a quentura da rede e foram para a água "garimpar" os painéis. Depois de uma hora de mergulhos, deu-se o primeiro milagre — o maior dos dois foi encontrado. Estava enroscado numa galhada submersa. A busca não era feita desorientadamente. Observando, atentamente as direções da correnteza, os índios mergulhavam sempre nos lugares onde as probabilidades do encontro eram maiores".

"Como a água estava muito fria, mandamos que o pessoal suspendesse por algum tempo a procura. À tarde, um novo vasculhamento feito por todos os índios, inclusive nós, permitiu encontrar também a outra panela. Não podíamos esperar resultado tão completo da diligência".

Nesse mesmo dia, a expedição tentou se deslocar para frente, com bagagens e alguns mantimentos. Quilômetros depois, começou a chover e todos ficaram sob abrigos improvisados, feitos de folhas de pacova — banana brava. Como a viagem era longa e havia a possibilidade de perder os mantimentos, a expedição permaneceu a noite no local, de onde saiu na manhã do outro dia.

PERTO DO BRAÇO SUL

Com peso às costas, a expedição prosseguiu até perto do rio Braço Sul. Foi uma etapa dura de vencer. Os extensos alagados e o trilho enlameado e escorregadio cansaram os mais resistentes. A primeira tarefa da expedição, ao chegar, foi a armação das redes e plásticos.

Depois do almoço, foi alargado um roçado perto do acampamento e uma pequena área foi completamente desmatada para secagem de roupas.

Não choveu à noite e o tempo apareceu bom pela manhã. Partindo do ponto da picada anterior, que seguia no rumo de 250°, foi aberto um pique em 159°, até o Braço Sul. Diz Claudio Villas Boas em suas anotações diárias: "Era importante para nós todos, conhecer esse rio do qual há quase um mês vínhamos falando. Tratava-se, podemos dizer sem perigo de erro, de um curso jamais visitado por gente civilizada. Além de estar localizado numa das mais centrais, desconhecidas e despovoadas regiões do País, varias outras naturezas de obstáculos concorriam para o seu desconhecimento, como as distancias, a impraticabilidade dos rios que lhe poderiam dar acesso, e, mais que tudo, a existencia de índios refratarios a qualquer tipo de contato e zelosos pelos seus domínios. Embora pequeno, é um belo rio o Braço Sul. Saimos exatamente numa cachoeira de le. Cachoeira forte e ruidosa, que de longe já ouviamos. A margem do rio, naquele lugar, é revestida por uma extensa laje negra e ondulada".

ERRO DE CALCULO

Dois dias depois de estar próximo ao rio Braço Sul, o sertanista Claudio Villas Boas foi alertado pelos topografos do BEC que a expedição avançou demais. Seguindo no rumo 215°,

havam ultrapassado muito o ponto determinado, sendo agora obrigados a pender para a esquerda. O erro, segundo Claudio, foi ter avançado muito nos 215° e, por essa razão, decidiu fazer de novo o lance 156°, que atinge o rio. Esse rumo, no entanto, incidiu numa serie de elevações empedradas. Mesmo assim, a expedição manteve o pique naquela direção.

Já no dia 18 de fevereiro, Claudio enviou o seguinte radio para o seu irmão Orlando: "Atingimos Braço Sul dia 14. Depois deslocamento faremos amanhã margem rio, iniciaremos procura lugar campo e verificação possível existencia vestígios kranhacãrore agora não muito adiante principal aldeamento localizado à esquerda linha penetração".

Até às primeiras horas da tarde, a expedição se ocupou em instalar o acampamento e em abrir 2 quilômetros de picada margeando o rio, a jusante de onde se encontram. Aproveitaram para procurar vestígios dos índios gigantes, mas nada viram que pudesse evidenciar sua passagem recente por aquele local. O rio Braço Sul ofereceu a janta dessa noite: matrinxãs e piranhas.

KRANHACÁRORES

O silêncio da noite que envolve o acampamento nas proximidades do rio Braço Sul é apenas quebrado pelos ruidos de bichos e insetos e pela conversa dos índios kayabi. O assunto principal: os kranhacãrores. Falavam de antigos assaltos que sofreram por parte desses índios, aos quais dão o nome de Ipeul — que na lingua tupi-guarani, significa homem pintado de preto. Deixavam transparecer a vontade de encontrá-los, mas como amigos, como irmãos. E faziam planos, visando à troca de presentes.

"19 de fevereiro. O dia todo foi empregado na procura de um lugar que oferecesse boas condições para abertura de uma clareira destinada aos lançamentos aéreos. A altura e a densidade da mata, como também as elevações empedradas, dificultaram muito a busca. Depois de varias picadas perdidas, foi aberta uma que cortava terreno sem muitas pedras e ondulações. No sentido dessa picada, aproveitou-se um estrão do rio, depois de uma curva. Nesse sentido, será demarcada uma área de 60x600 metros, para ser derrubada. O lance do rio servirá como "cabeceira de um dos lados. O desmatamento será iniciado amanhã".

ÍNDIO, O "INDOLENTE"

As atividades do dia 20 de fevereiro são assim descritas pelo sertanista Claudio Vilas Boas: "Tivemos chuva mansa a noite toda e durante a maior parte do dia. Demos início ao desmatamento da área ontem demarcada. Apesar das chuvas intermitentes, "brocamos" todos os 600 metros. São assombrosos para trabalhar estes índios. Os trabalhadores da topografia do BEC, que estão acampados ao nosso lado, ficaram impressionados com a performance da nossa gente. E ainda há quem diga que o índio é um indolente".

"Os três índios escalados para pescar — continua Claudio — trouxeram hoje uma quantidade de peixe maior ainda do que a de ontem. Os pobres macacos devem estar impressionados e gratos pela trégua, bem merecida, que lhes temos dado. Lá com eles, devem dizer ou pensar: "Até que enfim os pelados tiveram consciencia de que somos colaterais". Agora, eles estão do outro lado do rio, assobiando e sacudindo os galhos da cajazeiras, observando a gente. Não podem os infelizes compreender que não se trata de uma paz verdadeira, nem mesmo de um armistício para entabulações mais sérias, mas sim de simples e curta trégua... e nada mais".

COMEÇA A DERRUBADA

Com apenas 10 machados, foi iniciada dia 21 de fevereiro a derrubada da mata que, além de cerrada, é muito alta e cheia de troncos grossos e cerne duro, como jatobá, garapa e outros. Foi derrubado mais de um pau com dois metros e tanto de diametro. Tão agigantados, que os índios tiveram que armar jiraus em torno deles, para facilitar o corte. Mas um kayabi fez questão de derrubar sozinho um desses "monstros". Observa Claudio no dia 22: "Tivemos lua nas primeiras horas da noite e o dia transcorreu sem nenhuma gota de chuva, embora à tarde tenha

havia ameaça, com vento forte. Os borrachudos e piús estiveram em ondas e agressivos. Felizmente, não há pernilongos à noite. Do me-se sempre bem. Nada de peixe outra vez. Os pescadores esciados e que passaram a manhã toda jogando suas linhas, pegaram meia dúzia de piranhas apenas. Para 27 ictiofagos natos, é o mesmo que nada. Se continuar assim, teremos que reaniciar a guerra aos macacos, antes do que desejavamos. Se eles, os macacos, soubessem o risco iminente, não continuariam do outro lado do rio a se exercitar em galhos de arvores".

No dia seguinte, todo o pessoal ficou concentrado na destoca e remoção das galhadas de uma pequena area da derrubada para receber os volumes de viveres, cujo lançamento está previsto para amanhã. Além desse serviço foi construído um pequeno rancho, com folhas de bananeira brava, para abrigar a carga no lugar do lançamento.

Nos quatro dias seguintes, a expedição prosseguiu com a derrubada da mata, sem registrar nenhuma outra novidade, a não ser a caça de uma anta e o fato de uma canoa ter virado, com quatro índios. "Felizmente não houve nada a lamentar. Os naufragos nadaram para a margem e a canoa, apesar da forte correnteza, foi alcançada antes dos rápidos existentes pouco abaixo".

Ainda nesses dias — de 27 de fevereiro a 1.º de março — a expedição recebe lançamentos de viveres. Uma carta veio junto, esclarecendo que o avião havia sobrevoado a aldeia dos kranhacãrores, lançando varios objetos para os índios. Claudio, através da carta, também fica sabendo que Orlando virá em breve, de helicoptero, e sobrevoará as aldeias, verificando a maneira mais facil de a expedição se aproximar dos índios gigantes.

Por dois trabalhadores do BEC, Claudio envia carta a Orlando, colcando-o a par dos planos da expedição. Um deles é abrir um campo de pouso no local. Ventou e choveu antes do anoitecer.

A reportagem de amanhã: a expedição encontra os primeiros indícios de que os índios gigantes estão por perto. Começa a abertura do campo de pouso e nesse trabalho são descobertas panelas de barro a pouca profundidade, indicando vestígios de civilizações indígenas antigas.

No encalço dos índios gigantes - 9

Caminhada na mata recomeça

É 15 de abril de 1972. Um pequeno avião do 9.º BEC voa sobre o rio Peixoto de Azevedo e o sertanista Claudio Villas Boas constata que o local onde a expedição vai montar o acampamento possui mata baixa e terreno plano. A longa caminhada tem início no dia 18.

Dia 19. A expedição toma o rumo de 188º e avança 2.400 metros. Daí, passa a cortar em 230º, para 13 metros a frente, tomar o 188º, avançando mais 1.000 metros. Nesse percurso, atravessa um córrego grande e uma extensa área alagada, os dois únicos acidentes do terreno.

No dia seguinte, logo cedo, a expedição recomeça a caminhada. Depois de fazer 300 metros na perpendicular para direita, para compensar um desvio na direção oposta, foram para frente, no rumo de 184º. Um quilômetro e meio à frente, calculados a passo, tomaram o azimute de 194º. Nessa última direção, atingiram um córrego visível nas fotografias aéreas: a água passa num grotão muito fundo.

No percurso desse dia, Claudio Villas Boas encontra alguns vestígios velhos dos kranhacãrores: lugar bem antigo, espécie de acampamento de caça e algumas árvores golpeadas a facões. "Não estranhemos — observa — o uso de ferramentas por eles, pois desde 68 já as possuem, quando da nossa primeira expedição feita nesta região para atraí-los".

No dia 24 de abril, a expedição inicia a derrubada da área para erguer o novo acampamento. É feita a limpeza de um quadrado de 20x60. No dia seguinte, fica pronta a remoção de paus e a destoca da pequena área destinada a receber os fardos ou o helicóptero.

Claudio Villas Boas envia, no dia 27, rádio para o comandante do 9.º BEC, informando que a expedição está se aproximando da aldeia dos índios gigantes. Revela: "Diariamente, encontramos passagem de índios, rastros, trilhos e outros vestígios. Face à nova situação, para podermos oferecer cobertura completa às equipes dispersas, sugerimos a vinda de mais um nivelador, para que o serviço 'avance'".

Dia 8 de maio, Claudio anota em seu diário: "Encontramos vários ramos quebrados pelos índios. Estão nos parecendo que eles frequentam assiduamente este lugar". Dia 9: "A medida que avançamos, encontramos mais vestígios de índios: ramos quebrados, trilheiros etc". Dia 10: "Cinco quilômetros adiante desse acampamento, encontramos muitos rastros e trilhos dos kranhacãrores. Devem ter margeado o rio há poucos dias. Os ramos quebrados estão verdes e as marcas de pé não secaram de todo ainda. Pelo rumo que vamos seguindo, devemos estar passando à pequena distância de uma das aldeias dos índios gigantes".

ESP 9-12-72

No encalço dos índios gigantes - 10 ESP

10-12-72

Eles estão por perto, todo cuidado é pouco

Com a aproximação dos índios gigantes, quase quatro meses depois de iniciada a expedição o sertanista Claudio Villas-Boas determinou mais cautela para os índios aculturados que fazem parte da expedição e para os empregados do 9.º Batalhão de Engenharia e Construção — BEC — encarregado do levantamento topográfico da Cuiabá-Santarém.

Atendendo à recomendação do experiente sertanista, os homens do batalhão militar caminham sempre agrupados: "Um grupo grande de pessoas corre sempre menos risco de ser atacado".

PERIGO

Quando Claudio e mais alguns índios voltavam do rio Peixoto de Azevedo para o acampamento, foram surpreendidos por uma gritaria de índios. "Na altura em que os índios gritaram, paramos para aguardar o pessoal da topografia que vinha um pouco atrás. Depois de alertarmos os homens daquele acampamento da aproximação dos índios reiniciamos a viagem, todos, eles e nós, num grupo só. Chegamos com o escuro aqui no acampamento".

No dia 15 de maio, a expedição já estava acampada às margens do rio Peixoto de Azevedo. Três dias depois, foi iniciada a derrubada da mata para lançamento de víveres.

Mais tarde, o sertanista fez reconhecimento do rio Peixoto de Azevedo, encontrando vestígios dos kranhacãrore. Ficou sabendo, então, que a aldeia principal dos índios "gigantes" ficava a menos de 20 quilômetros do acampamento. "Distância insignificante para os índios".

Nos dias seguintes, a expedição prosseguiu com a remoção dos paus após a derrubada da mata. Também foram feitos vários reconhecimentos do local e Claudio sempre alertava sobre o perigo iminente de um ataque dos índios gigantes.

AVISO

No dia 21 de maio, o fotógrafo Reginaldo Manente, do Estado, sobrevoa o acampamento e, por meio de uma carta lançada do avião, comunica que foram encontrados sinais dos kranhacãrore em Cachimbo. Revelou ainda que havia rastros e uma

bordura, que foi deixada junto à torre de rádio daquela base.

É grande a preocupação do sertanista Claudio Villas-Boas. Diz ele em suas anotações: "22-5-72 — Chegaram já, quase noite, quatro trabalhadores do BEC. Vie-

ram do acampamento de trás. Já estamos cansados de advertir o pessoal do batalhão quanto ao perigo de transitar com pouca gente nestes últimos 20 quilômetros de picada. Já estão avisados que os índios têm uma aldeia bem perto daqui.

pg. 10

10-12-72

Contato com gigantes em 15 dias

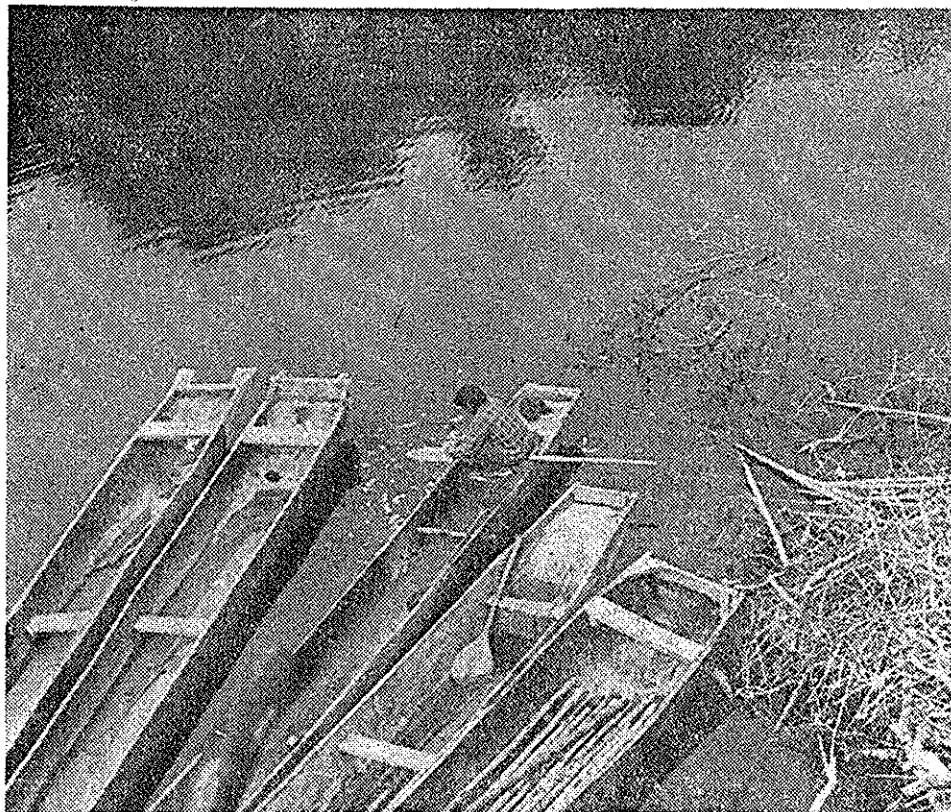


Foto José Marquês

Ficar só e desatento, uma atitude proibida perto dos índios gigantes

Da Sucursal de
BRASÍLIA

Antes do Natal terá ocorrido o contato com os índios Kranhacácores — acreditam os sertanistas Orlando e Claudio Villas Boas. Eles estiveram presentes, ontem, à solenidade do encontro das rodovias BR-08 (Brasília-Manaus) e BR-165 (Cuiabá-Santarém); nas proximidades da Serra do Cachimbo.

Depois de quase um ano de trabalho, os Villas Boas admitem que os Kranhacácores são avantajados no tamanho, alguns alcançando quase dois metros. Prova disso, há um mês, alguns deles chegaram a dez metros de Claudio — um índio velho, que, segundo o sertanista, tinha cerca de dois metros, e uma índia, também alta, que falou seguidamente durante 45 minutos. Quando Claudio

tentou aproximar-se, o índio evitou, apontando uma flexa em sua direção.

Ainda assim, a estatura elevada não é regra absoluta. Muitos dos Kranhacácores são de tamanho mediano, acreditam os sertanistas que por miscigenação do grupo "GE", a que pertencem, com outros grupos de estaturas mais baixas. Lembrem, a propósito, que logo no primeiro contato com os Tchucaramae, hoje abrigados no Parque Nacional do Xingu, foram encontrados também índios de diferentes tamanhos.

Informam os Villas Boas que continua a chamada fase de namoro com os índios gigantes — agora, bem adiantada, pois os índios já aceitam os presentes deixados pela expedição, deixando, em troca, machados e bordunas. Os sertanistas ressaltaram o aoio que vêm recebendo do 9.º BEC.

P. 11

No encalço dos índios gigantes - II

Um arco dispara; é o primeiro ataque

Um grave incidente, o primeiro ataque dos índios gigantes, ocorreu no dia 25 de maio. O acontecimento é assim descrito pelo sertanista Cláudio Villas Boas: "As 11 horas da manhã, quando voltávamos ao acampamento, chegaram apressados e nervosos dois trabalha-

dores do serviço de locação da estrada para comunicar que um dos homens do serviço fora flechado pelos índios. Os trabalhadores traziam a flecha que tinha sido lançada. Traziam só o corpo da flecha. A haste, nos comunicaram, estava cravada na costela do trabalhador, que vinha sendo trazido pelos restantes dos homens. Imediatamente, acompanhados pelos nossos índios, dirigimo-nos indistintamente apavorados. O chefe do serviço, o topógrafo Victor, que sempre manifestava indiferença por tudo que se referia aos índios, revelava grande preocupação, espanto. Vimos logo que o lugar atingido pela flecha, cuja haste se encontrava cravada no corpo do acidentado, não era mortal. Embora estivesse bem implantada, a flecha não teria atingido órgão interno nenhum. Informados de que o lugar do incidente estava relativamente distante, regressamos para cá".

DESCREDITO

"O fato — prossegue — foi comunicado hoje mesmo ao coronel Meirelles, comandante do 9.º BEC e ao Orlando (Villas Boas) que se encontrava em Cachimbo. O coronel respondeu que vai providenciar a vinda de um helicóptero para remover o trabalhador flechado. Os trabalhadores do batalhão, inclusive o seu encarregado, o topógrafo Victor, não acreditavam na possibilidade de um ataque dos índios. Apesar de nossas advertências, quase nunca eles andavam em grupo quando iam para o serviço, ou quando voltavam à tarde para o acampamento. Mesmo depois de alertarmos, insistentemente, que estávamos atravessando zona diariamente frequentada pelos índios e que eles estavam seguindo de perto a nossa mar-

cha, já sabendo de todas as particularidades de nossa movimentação, mesmo assim, as imprudências (em nome da urgência do serviço) continuaram sendo cometidas diariamente".

Cláudio continua acusando e se defendendo: "Há poucos dias, como já registramos, três trabalhadores chegaram à noite aqui. Ao atingirmos esse rio, o Peixoto de Azevedo, em vez do pessoal do batalhão permanecer reunido e iniciar a abertura da clareira para os lançamentos — sem o nosso conhecimento —, realizaram, durante dias, longos reconhecimentos rio abaixo. Maior imprudência ainda cometeram ao recuar mais de 6 quilômetros para completar a locação da estrada, sem nada nos comunicar. Tememos que os índios tenham sido atingidos pelos disparos que foram feitos contra eles. Isto, se realmente aconteceu, representa um grande prejuízo para o nosso trabalho — afastando totalmente a possibilidade de um contato breve".

SERVIÇO É SUSPENSO

No dia seguinte após o fechamento, o coronel Meirelles, comandante do 9.º BEC, por meio de comunicado feito pelo rádio, manda suspender a abertura da estrada, que se encontra a 20 quilômetros atrás do acampamento. Também pelo rádio, Cláudio Villas Boas fica sabendo que um helicóptero da SAR, vindo de Santa Catarina, vai retirar o trabalhador flechado.

O helicóptero chegou às 9 horas do dia 27 de maio, levando para Cachimbo o trabalhador. O coronel Meirelles e o sertanista Orlando Villas Boas chegam, nesse mesmo dia, ao local onde a expedição esfi-

acampada. Cláudio expõe, com pormenores, como foi o acidente. Fala sobre o ataque dos kranhacãrores, salientando "as imprudências que ultimamente vêm sendo cometidas pelos trabalhadores do batalhão, por falta de chefia, energia e experiências".

Os índios gigantes, na noite do dia 28 de maio, rondam o acampamento de Cláudio Villas Boas. "Por várias vezes, ouvimos o pisar nas folhas secas, afastando-se quando dirigíamos o foco das nossas lanternas para o ponto de onde vinham os ruídos.

Alguns índios encontram vários maços de flechas no local onde houve o ataque. Cláudio observa: "Pelo que dizem os índios, está-nos parecendo que os kranhacãrores estão querendo manter contacto. Amanhã, ou depois, vamos recolher o material dos índios — flechas, bordunas e arcos — caso, naturalmente, concluamos terem sido oferecidos pelos seus donos e não simplesmente abandonados".

VISITA

Na tarde do dia 29 de maio, Cláudio Villas Boas, com todos os índios integrantes da expedição, vai até o lugar onde o trabalhador havia sido flechado. "Levamos facões, machados, facas, colares, peças de alumínio e outras coisas, para colocar em lugar que possam ser apanhados pelos índios. Verificamos que os objetos dos índios não tinham sido deixados para que fossem recolhidos por nós. As flechas — em numero de 82 — além de duas bordunas e um arco, pela posição que estavam não nos deixaram dúvida de que tinham sido abandonadas no momento da fuga. Armamos uma cabana e penduramos todos os objetos que levamos. Debaxo da

mesma, coberta de folhas de pacova, colocamos as flechas e outras coisas deixadas por eles".

Nos dias seguintes, a expedição prossegue nos serviços de abertura da pista para aterrisagem. Nos dias em que a expedição se dedicou à remoção de troncos e galhadas no campo, os índios gigantes visitaram os lugares onde haviam sido colocados os presentes.

NOVO INCIDENTE

Dia 3 de junho de 1972. Cláudio Villas Boas escreve: "Estranha e desastrosamente, um elemento do 9.º BEC, segundo o sargento Jurandir, exatamente no momento em que os índios se acercavam de nós, disparou três vezes sua arma automática num macaco que estava na copa de uma árvore, sob a qual se encontravam os índios gigantes. O sargento, notando o movimento na direção em que atirou, foi imediatamente nos comunicar o fato. No mesmo instante, acompanhado dele e mais alguns índios, fomos ao lugar. Lá verificamos que os índios eram numerosos e haviam deixado esparados pelo chão flechas e um elevado numero de bordunas, além de alguns arcos. Nessa mesma hora, avançamos na trilha, até o lugar onde haviam colocado presentes. Os índios haviam levado tudo, o que nos autoriza a admitir que eles vinham com intenção, não queremos dizer pacífica, mas tam-

bém sem o propósito de nos atacar."

Um pouco cansado e preocupado com a abertura da nova pista, o sertanista Cláudio Villas Boas abandona o diário no dia 8 de junho, assinalando: "Hoje cedo encontramos marcas de pé no lugar do campo. Estamos em dúvida se se trata dos índios, ou de alguns dos nossos que andaram descalços por lá, ontem".

Semanas depois, os kranhacãrores, sentindo a aproximação da expedição comandada pelo sertanista Cláudio Villas Boas, queimam sua aldeia, refugiando-se na mata. Lá, deixam vários presentes, entre bordunas, flechas e arcos.



Mr. Mac merece que você confie nele.

CLÍNICA PAULA SANTOS

NARIZ — OUVIDOS — GARGANTA
CIRURGIA DA SURDEZ
TELEFONE: 81-9223

Dr. Horácio de Paula Santos — Dr. Sérgio de Paula Santos
CREMESP 2.348 — CREMESP 3.754

ALAMEDA JAÚ, 1.767 — 1.º ANDAR
Consultas: das 9 às 11 e das 14 às 17 horas - exceto aos sábados

p 122

No encalço dos índios gigantes — final

Cláudio espera, com o cachimbo da paz



Foto José Marquês

Esse poderá ser o local do primeiro contato com os kranhacãores

Pelo amor à notícia, a escuridão da selva

JOSÉ MARQUEIZ
Enviado Especial

Viver no meio do mato, dormindo em redes, suportando um calor de 45 graus, agravado pela incidência de insetos ávidos de sangue e alimentando-se basicamente de peixes, macacos e formigas, pode ser uma rotina para os irmãos Claudio e Orlando Villas Boas, que há mais de 30 anos vivem entre índios. Mas para quem está acostumado às comodidades da vida moderna, a ansiedade de novas e audaciosas experiências é suplantada, esmagada pela solidão



Cláudio está confiante

angustiante do silêncio escuro da selva brasileira.

Para quem não está acostumado à vida agreste, tudo é difícil e necessário. Até água mineral. Foi o que se pôde observar sobre o comportamento dos reporteres que estiveram acompanhando a expedição de pacificação dos kranhacãores — os índios gigantes — que atualmente encontra-se acampada na margem direita do Rio Peixoto de Azevedo, próximo à foz do rio Braço Sul, no extremo norte do Mato Grosso.

Caso típico foi o de um jornalista que, devido à brusca inversão da temperatura, chegou a ficar quatro dias — tempo em que lá permaneceu — com parte de suas funções vegetativas paralisadas. Alegava que seu organismo "sofrera um trauma psicológico" e por isso precisava regressar o "mais urgente possível". E voltou para São Paulo, no mesmo dia em que terminou sua entrevista com Claudio Villas Boas.

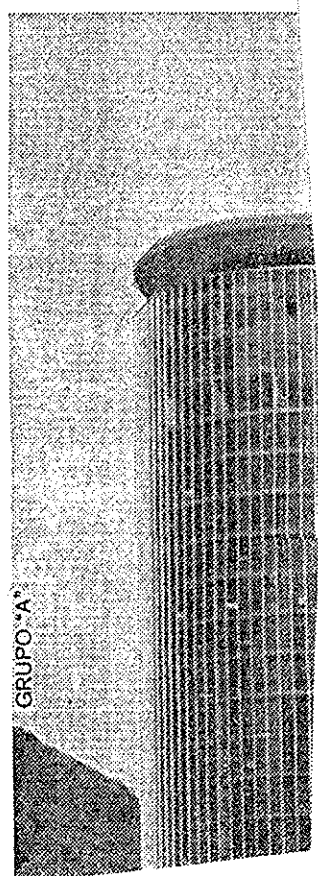
Durante o dia, os carabas — como são chamados os civilizados — procuram distrair-se, contando os passos na pista de pouso ou banhando-se nas águas límpidas do Peixoto de Azevedo. Alguns, preferiam pegar os estilingues dos índios e ficar sentados nos troncos das árvores, esperando, inutilmente, uma presa fácil. Havia outros que nem pescar queriam. E ficavam horas balançando-se nas redes, lendo jornais e revistas, velhas.

Mas o grande medo dos reporteres, que poucos conseguem disfarçar era da noite, com seu silêncio escuro, entrecortado de ruídos de animais. O sertanista Claudio Villas Boas, por precaução, proibira até que fossem acendidos lampiões. A única luz era a dos facho das lanternas. E essa deter-

minação conseguiu fazer a noite mais pesada e mais longa.

Outro fato que perturbava os reporteres: o término de seus mantimentos. Poucos estavam acostumados ao prato genérico do dia: macaco e peixe. Em dias extras, havia espetinhos de formigas igá.

Mas em todos havia a revelação constante da ausência da vida movimentada das grandes cidades. E até o ar puro da manhã, embalado pelo vento da floresta e pela brisa do rio, era surpreendentemente hostil aos reporteres, acostumados com a fumaça poluída lançada pelas chaminés das fabricas.



GRUPO "A"

Do dia 8 de junho a 22 de setembro, decorreram três meses e 14 dias, durante os quais Claudio Villas Boas abandona o diário, mas não a chefia da expedição de contactação com os índios gigantes. Nesse período, o sertanista decide se aproximar mais das aldeias e desce com a expedição o rio Peixoto de Azevedo, numa extensão de aproximadamente 70 quilômetros. A viagem é feita em três canoas, sendo que só duas delas têm motores de popa.

Após três dias de viagem, a expedição acampa junto a uma lagoa que serve de pesqueiro dos kranhacãores, localizada a cerca de dois quilômetros abaixo da foz do rio Braço Norte. Já no primeiro dia em que estão acampados, os índios chegam a menos de 100 metros da lagoa, gritam várias vezes e, quando Claudio e Orlando vão em sua direção levando presentes, eles desaparecem na mata. Na noite do segundo dia, os índios voltam a se aproximar do acampamento e são vistos agitando um tição, provavelmente para fazer uma fogueira na selva.

Com essas aproximações, os sertanistas têm certeza de que estão sendo constantemente observados pelos índios e decidem espalhar muitos presentes nas proximidades do acampamento. Esses presentes são recolhidos quase imediatamente pelos índios e, por isso, os sertanistas começam a acreditar que não demorará muito tempo para que os índios "dêem fala", isto é, apareçam no acampamento para o contato definitivo.

NOVA FUGA

O clima de euforia porém não dura muito tempo. Dois dias depois, o avião de reconhecimento comunica que os kranhacãores tinham queimado e abandonado pela segunda vez as suas aldeias, deixando um varal de presentes para a expedição. Com base nessa informação, os sertanistas resolvem ir até as aldeias queimadas para recolher os presentes e deixar outros no lugar.

Feito isso, Claudio Villas Boas decide realizar uma espécie de retirada estratégica, abandonando o acampamento às margens da lagoa e subindo o rio nos batelões, até o primeiro acampamento localizado no

cruzamento da rodovia Cuiabá-Santarém com o rio Peixoto de Azevedo. Mas já no dia 22 de setembro, o sertanista desce o rio Peixoto com 35 índios em seis batelões feitos de tronco de madeiro.

As dificuldades começam a surgir logo em seguida. Em muitos trechos, o rio não apresenta mais do que 20 centímetros de água. No dia seguinte, a viagem é reiniciada e 100 metros depois, todos têm que desembarcar para empurrar as canoas. Atingem então o lugar onde haviam acampado da vez anterior.

A expedição chega à margem esquerda do rio Peixoto de Azevedo às 9 horas do dia 24 de setembro. Notam que os kranhacãores estiveram por ali, levaram os presentes deixados e quebraram apenas as panelas.

A expedição, mesmo com a metade dos índios com gripe, reinicia a abertura de uma pista na margem direita do Peixoto de Azevedo. No dia 27, quando atravessam o rio, num batelão, os índios gigantes lançam uma flecha que passa sobre eles, vindo se cravar na outra margem. Claudio vê os índios gigantes e recomenda calma aos seus companheiros, enquanto agita as mãos, mostrando colares e facões.

Na noite desse mesmo dia, ouve-se barulho, indicando que o acampamento está cercado. Os índios assobiam, demonstrando desejo de contato. No sábado, dia 30, um outro índio que havia ido pescar ouve novamente assobios dos kranhacãores e imediatamente avisa Claudio.

A expedição continua acampada às margens do rio Peixoto de Azevedo, esperando uma oportunidade para estabelecer o primeiro contato com os índios gigantes. Mostrando o ponto em que estão os trabalhos dos sertanistas, nosso enviado especial, José Marquês, encerra hoje a série de reportagens que realizou a respeito dos principais fatos do diário de Claudio Villas Boas, e que o Estado publica com exclusividade.

surge na margem do rio, acenando e falando alto, como se estivessem discursando.

Cláudio, acompanhado de quatro índios, vai até o seu encontro. Um casal o espera. E quando o sertanista está prestes a ancorar na outra margem, o índio arma o arco e aponta na direção de Cláudio. Mas não

atira e, depois de alguns instantes, desaparece no meio da mata. Essa foi a primeira e última vez que Cláudio chegou perto dos kranhacãores. Passados quase dois meses, ele continua sereno e confiante: "Os gigantes chegarão até nós. Como amigos, como irmãos".

No dia 3, um kayabi vê os kranhacãores recolhendo apressadamente presentes na outra margem. Ao serem surpreendidos, eles se escondem. Trinta minutos depois, Cláudio atravessa o rio e coloca mais presentes no mesmo lugar.

Mas é no dia 15 que os índios gigantes surgem, em grupo numeroso, do outro lado do rio. Enquanto retiram os presentes, gesticulam e falam alto. Com os braços levantados, utilizando-se da mimica, Cláudio Villas Boas procura chamá-los. Um índio kranhacãore é o único que espera a aproximação do sertanista. Quando ele chega a 10 metros, o índio desaparece.

Cláudio tem quase certeza de que os índios gigantes estão ao redor do acampamento. E sua previsão é confirmada no dia 19, quando, por volta das 8 horas, um grupo de índios